

## Continuamos Amarrados no Velho Sonho de que "A Escola nos Redimirá"?

---

Sempre que nos referimos à exploração do trabalho infantil em Pernambuco, situamos a Mata Pernambucana. Nessa região, o processo de colonização promoveu a destruição da Mata Atlântica, que, aliada à monocultura da cana, gerou uma política de exclusão social deteriorando o patrimônio cultural e ecológico. Também, limitou o conhecimento dos trabalhadores na perícia de plantio e de colheita e no uso de diversas tecnologias. Acanhou as necessidades de conhecimentos da população, inibindo seu acesso aos artefatos contemporâneos e a sua condição para preservar a herança cultural.

Nesse cenário, é preciso não perder de vista as repercussões desse processo nas condições adversas de vida e de trabalho de crianças, jovens e adultos.

Particularmente, no desenvolvimento afetivo, cognitivo e social das crianças que vêm sendo exploradas no trabalho. São crianças cuja atividade cognitiva é estimulada apenas, no momento do trabalho, quando têm que se cuidar para evitar os acidentes possíveis com instrumentos de trabalho ? calculando a velocidade da foice, do tempo e distância para chegar aos engenhos ou, ainda, quando calculam quantos molhos de cana já cortaram, entre outros. Trata-se no entanto, de formas de mobilização cognitiva e afetiva insuficientes e inadequadas para a criança, comprometendo sua integridade física, assim como, impedindo que a mesma ocupe o espaço ? tempo escolar que estimularia sua atividade cognitiva, afetiva e estética na diversidade do conhecimento curricular e o espaço ? tempo estruturador da brincadeira. O espaço ? tempo de construção de sua cidadania.

Contraditoriamente, essa região, hoje, apresenta-se muito rica em potencialidades que se expressam em indicadores econômicos e culturais importantes. Entre estes, citam-se: abundância de recursos hídricos, qualidade do solo, experiências com produção agrícola alternativa; a organização política dos trabalhadores em sindicatos rurais e em movimentos sociais na Luta pela Reforma Agrária, e a forma como o povo festeja, revelando sua capacidade de resistir e sonhar. Forma singular de expressão de suas idéias sobre o mundo ? nos espetáculos populares do Fandango, das Cirandas, dos Maracatus, das Cavalhadas. Tais práticas culturais se apresentam como espaço de possibilidade para problematização permanente no que diz respeito aos seus problemas e as políticas públicas propostas para região.

Nesse particular, faz-se necessário uma atitude crítica em relação aos sentidos que vão sendo instituídos a partir dos discursos que fundam os projetos voltados da superação do trabalho infantil na região.

Não se pretende discutir o valor em si do programa bolsa escola, ação que o Partido dos Trabalhadores imprimiu em suas gestões públicas e, inserido nas políticas sociais do governo federal em vários estados do país, e que busca a superação do trabalho infantil.

Sabe-se dos seus efeitos imediatos na melhoria da qualidade de vida das crianças e pais envolvidos nesse tipo de programa. No entanto, é preciso refletir sobre onde está fundado o lastro utópico desse programa ? na idéia da escola como redentora? É bom lembrar que, a alternativa educacional para o problema do trabalho infantil vem sendo implementada desde a revolução industrial na Inglaterra.

Talvez repensar o significado da preocupação do professor Paulo Freire ao colocar que "a educação sozinha não pode fazer todas as coisas, embora sem ela as coisas todas não podem ser feitas".

**Rosângela Tenório de Carvalho**  
Professora do Centro de Educação ? UFPE ? Brasil  
Rosan@npd.ufpe.br